

CATHERINE BYBEE

NÃO É BEM MEU

Tradução de
CATARINA FERREIRA



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2019

CAPÍTULO UM

Katelyn Morrison estava de pé, em frente ao altar, com os olhos marejados de lágrimas. Forçou-se a concentrar a sua atenção nos noivos e nos votos que ambos trocavam ternamente. O seu irmão, Jack, estendeu a mão para o filho Danny, que adotara recentemente, e pegou no anel que a criança de seis anos segurava na mão. Danny estava radiante de orgulho, o seu sorriso e suspiro prenderam a atenção de todos na igreja. Katie sentiu um arrepio quando Jack piscou o olho ao rapaz. O irmão merecia a felicidade que encontrara junto da noiva e do filho desta. Katie não podia estar mais extasiada com a mulher que ele escolhera para se tornar uma Morrison.

Contudo, Katie não desejava verbalizar a emoção que a estrangulava ainda mais. Não tinha direito algum de sentir ciúmes do irmão. Além disso, nem sequer escolhera a cor verde para se vestir.

Endireitando as costas, Katie viu Jessie pôr a aliança no dedo de Jack e repetir os votos. Quando o pastor autorizou Jack a beijar a noiva, as covinhas dele apareceram ao mesmo tempo que um largo sorriso se espalhava no seu rosto e ele a abraçava. Típicos assobios e urros texanos ecoaram por todos os recantos da igreja quando Jack reclinou Jessie para trás nos braços e mostrou a todos como ela era dele. Quando Danny ergueu a mão para tapar os olhos e não ver o beijo, as máquinas fotográficas na igreja dispararam loucamente.

Katie deu uma gargalhada e ignorou as lágrimas que corriam pela sua face.

Foi então que ela se sentiu observada por *ele*, apercebendo-se do peso do seu olhar à medida que erguia os seus próprios olhos para o padrinho.

O olhar de Dean impregnava-a. Ou *via através dela* seria a melhor forma de descrever a expressão dele. Uma compreensão tácita surgiu no seu rosto e ameaçou lançar uma onda avassaladora de dor no peito dela. Naquele momento, Katie sentiu mais remorsos do que alguma vez sentira na sua vida inteira.

Jack e Jessie viraram-se para os convidados na cerimónia, enquanto Monica, a irmã de Jessie e dama de honor, entregou a Jessie o ramo da noiva. Katie afastou os seus próprios pensamentos e memórias e dirigiu-se para trás de Jessie a fim de compor a cauda do vestido, de modo que ela pudesse caminhar pelo corredor central da igreja e não tropeçar nas várias camadas de tecido.

Ainda bem que Jack tinha escolhido Dean como padrinho principal e não um dos outros amigos, caso contrário a dama de honor Katie teria de fazer par com ele ao longo da cerimónia. Estar assim tão perto dele já era suficientemente duro. Estarem lado a lado toda a noite seria tortura.

Raios, já era tortura.

O fotógrafo acompanhou os noivos para o exterior da igreja, enquanto os convidados eram encaminhados noutra direção. A noiva e o noivo posaram em frente das colunas de mármore e das portas decoradas com flores. Monica pôs-se ao lado de Katie, assim como Nicole, a outra dama de honor. Um zumbido no céu captou a atenção de todos.

Um helicóptero sobrevoava a igreja.

— Teria sido pedir muito que esperassem por um comunicado à imprensa? — resmungou Katie.

— Eu sei que disseste que seria expectável que viessem, mas um helicóptero? — Monica inclinou a cabeça para trás e protegeu os olhos do sol com a mão.

— Devem ter uma lente poderosíssima que tira mais fotografias do que aquilo que é pago ao fotógrafo.

Como passara grande parte da sua vida a atrair a atenção da comunicação social, tanto ali como na sua terra natal em Houston, Katie estava bastante habituada a ignorar aquele género de presença. Os erros que cometeu, quase todos os beijos ou relacionamentos que manteve, acabaram na capa de uma revista.

— Tirem lá a porcaria da fotografia e saiam daqui. — A voz de Dean, mesmo quando estava zangado, fazia disparar um alerta em todo o seu corpo.

Quase todos os meus relacionamentos.

Dean, Tom e Mike aproximaram-se das raparigas e proferiram insultos para o helicóptero que os sobrevoava.

— Já nada é sagrado — disse Mike.

— Pelo menos Gaylord manteve os *paparazzi* em terra e à distância.

— O papá prometeu-lhes que veriam a limusina a caminho da receção — informou Katie ao grupo. — Ou uma viagem até à prisão por trespassse se metessem um pé na propriedade da igreja.

— Geralmente, uma noite na prisão não é um fator dissuasor.

Os três amigos do noivo conheciam Jack e Katie há anos. Cada um vinha de uma família abastada e com poder e conheciam os meios de comunicação social melhor do que os seus próprios vizinhos.

O barulho vindo do helicóptero aumentou, assim como a deslocação de ar que ele provocava.

Danny correu a abrigar-se entre Monica e Katie com uma expressão preocupada.

— Tia Katie, o helicóptero vai cair em cima de nós?

Ela baixou-se e deu-lhe a mão. O papel de tia podia ser recente, mas a necessidade feroz de proteger o sobrinho e apaziguar os seus medos era tão automática como respirar.

— Eles não se atreveriam a arriscar. O avô prendia-os e deixava-os ao sol para assarem caso decidissem vir à festa sem serem convidados.

Os olhos de Danny abriram-se.

— A sério?

— Pergunta ao avô o que é que aconteceu aos *paparazzi* que apareceram na festa do meu décimo sexto aniversário.

Dean e Tom pigarrearam atrás dela. Ela deu uma olhadela por cima do ombro e apercebeu-se de que ambos abanavam negativamente a cabeça. Um quantas indiscrições pouco sensatas daquele dia vieram-lhe à memória.

— Pensando melhor, deixa lá.

Monica inclinou-se e fez uma sugestão.

— O que achas se lhes fizermos umas caretas, Danny?

Ele dirigiu-lhe de imediato um largo sorriso antes de erguer a cabeça para o helicóptero e deitar a língua de fora. O pequeno grupo desatou a rir à medida que cada um deles fazia gestos com os dedos e contorcia a cara na direção do céu. As gargalhadas de Danny mantiveram-nos a todos animados. O mais provável seria os fotógrafos no helicóptero não estarem concentrados no grupo, mas Danny já não parecia preocupado com a ideia de aquele monstro de metal cair em cima deles.

Mesmo que as caras deles fossem acabar na capa da *Inquisitor*, Katie sabia que estaria fabulosa. O longo vestido castanho de seda abraçava cada curva sua como a carícia de um amante. Lorenzo, o *designer* do vestido, convidara as três damas de honor para o seu estúdio e fizera vestidos idênticos e perfeitos para as formas de cada uma. Como ele o conseguira, era um mistério. Não que tivesse de trabalhar com algo impossível. Tanto Monica como Nicole mediam um metro e setenta e eram elegantes. E, após algum trabalho, Katie mostrara a ambas o prazer de sapatos de salto alto de *designer*. Não havia nada mais sensual do que um sapato que atraía a atenção masculina para um gêmeo trabalhado antes de a direcionar pela coxa acima e diretamente para o rabo. No exato segundo em que Katie fez deslizar uns sapatos de duzentos dólares nos pés de Monica, soube que teria uma parceira no crime.

Katie assegurou-se de que o comprimento da sua perna espreitaria através do vestido enquanto agitava os dedos junto às orelhas para os *paparazzi*.

Assim que as gargalhadas diminuíram de tom, o fotógrafo fez-lhes sinal para que se dirigissem para o interior da igreja para mais fotografias.

Danny deu a mão a Monica, arrastando-a, enquanto o restante grupo os seguia.

Katie ajustou o vestido para se assegurar de que a longa racha não revelasse demasiado.

— Estás deslumbrante. — O tom de voz de Dean era baixo e tornou-se mais quente quando ele deslizou para o lado dela.

Ela não se apercebera de que ele ficara para trás e sentiu-se um pouco encurralada na presença dele.

— Também não estás nada mal, Prescott.

Caramba, e se estava bem. Penteara o cabelo louro-acinzentado, que parecia sempre um pouco comprido demais, mas, ao mesmo tempo, perfeito, para longe dos olhos. A sua pronúncia texana lembrava-lhe a de casa. Esforçara-se bastante para se ver livre da sua quando era mais nova, pensando que a fazia parecer idiota. Ser loura e rica valera-lhe o rótulo de burra, contra o qual lutou ainda algum tempo. Não teria importância alguma se se tivesse tornado médica ou engenheira aeroespacial. O mundo olhava para ela como uma herdeira e tratava-a de maneira diferente. Por volta do seu décimo sexto aniversário, mudou radicalmente. As suas hormonas dispararam, e o desejo de se fazer notar governou o seu cérebro. As saias ficaram minúsculas e as calças justíssimas. Aqueles sapatos de *designer* de que tanto gostava tornavam-na mais alta do que a grande maioria dos rapazes na escola.

Mas aqueles a quem ela queria chamar a atenção não olhavam para ela.

Katie fitou Dean de relance e desviou rapidamente o olhar. O corpo dela estremecia só de saber que ele estava tão perto. O cheiro a especiarias da pele dele fê-la desejar inclinar-se e inspirar profundamente. Lutou contra esse desejo e achou o silêncio entre ambos doloroso.

Disse a única coisa em que conseguia pensar, mas depressa se arrependeu das suas palavras.

— Lamento a situação com a Maggie.

O maxilar de Dean contraiu-se.

— Não tinha de ser.

Maggie cancelara o noivado com Dean uma semana antes do casamento. Segundo Jack, não houvera uma explicação quanto à razão. Depois ela desaparecera e pedira a Dean para não voltar a contactá-la.

— Deve ter sido difícil para ti... ver o Jack e a Jessie.

Deus sabia que, se ela não fosse irmã de Jack, nunca mais teria ido a nenhum casamento.

O sorriso que brincava sempre nos lábios de Dean desapareceu.

— Não foi assim tão difícil.

Katie queria dizer-lhe que sabia que ele lhe estava a mentir. Se havia alguém que conhecia os sonhos dele, era ela. Uma esposa e uma família tinham sempre feito parte dos planos dele.

— Vocês vêm ou não? — chamou Tom da porta da igreja.

Dean inclinou a cabeça em resposta, em seguida pousou os dedos no fundo das costas de Katie apressando-a a entrar.

Um calor intenso subiu pelo corpo dela e acariciou cada terminação nervosa da sua pele. A memória das mãos dele a deslizarem pelas suas ancas enquanto explorava os lábios dela com os dele assolou-a. A mão retirou-se bruscamente, como se também ele partilhasse a memória. Fechou os dedos com força e encaminhou-a para a frente.

O tempo deles juntos pertencia ao passado e seria melhor que ficasse esquecido.

— Então, o que há entre ti e a Katelyn?

A pergunta atingiu Dean mesmo no centro do peito e levou a que ele movesse os pés numa direção que não planeava. Felizmente, Monica estava preparada para os possíveis desastres ao dançar com ele e desviou-se do seu pé, evitando um dedo do pé partido.

— Não estou a perceber o que queres dizer. — Raios, pensava que tinha enterrado as suas memórias bem fundo na cabeça onde ninguém as pudesse ver.

Estava enganado.

— Para começar, tendo em consideração que a conheces desde a escola primária, vocês não falam um com o outro a não ser que sejam obrigados.

Dean olhou de relance para os pares na pista de dança e observou Tom e Katie. Ambos riam à gargalhada e divertiam-se imenso por serem o centro das atenções. As únicas pessoas na pista de dança naquele momento eram os noivos, os amigos mais íntimos do noivo e as damas de honor. A sessão de fotografias, obrigatória em todos os casamentos, seria, provavelmente, o único momento em que estaria com uma mulher nos braços naquela noite. Apesar da brevidade do momento anterior com Katie, ver o seu melhor amigo casar avivara recordações que gostaria que tivessem ficado esquecidas.

— E depois há *aquilo* — disse Monica.

— Há o quê? — De que estavam a falar?

— Creio que num romance chamar-lhe-iam «olhares indiscretos». Não, chamar-lhe-iam «olhares descontraídos». Quando a Katie não está a olhar para ti, estás tu a olhar para ela.

Era impossível ignorar Katie. As suas pernas longas e bem modeladas faziam com que tivesse mais de um metro e setenta e cinco. As suas curvas tinham-no perturbado na escola secundária e ameaçado destruí-lo na fase adulta. O seu cabelo louro era tão natural quanto a sua graciosidade. Cedo na vida, ela refinara a capacidade de atrair a atenção e parecia não se cansar de estar sob as luzes da ribalta. Tornou-se famosa por ter aparecido por diversas vezes na televisão num *reality show* sobre adolescentes nascidos em berço de ouro. Os tabloides colavam-lhe frequentemente o rótulo de herdeira pouco inteligente, mas Dean sabia que não era assim. Ela frequentara a faculdade como todos os seus amigos em comum e licenciara-se em *design* e gestão.

Dean afastou os seus pensamentos e concentrou-se em Monica.

— Sabes, Monica, até eu sei que é de mau tom dançar com uma mulher bonita e falar sobre outra.

Os ombros dela estremeçeram ao rir-se.

— Estás a dançar comigo porque tens de dançar comigo. Saiu-te na rifa fazeres par comigo.

— E eu a pensar que gostavas de mim.

Monica era encantadora, espirituosa e bonita. Numa outra vida, teria certamente desejado conhecê-la melhor. O historial dele com a família e amigos de Jack não fora propriamente fabuloso... bem, pelo menos com Katie. Sabia quanto custava ter estado envolvido com alguém que tinha de ver numa base regular depois de um rompimento.

O seu olhar desviou-se novamente para Katie.

Monica tossicou, obrigando a atenção de Dean a concentrar-se novamente nela.

— A minha dúvida é se estás a pensar no que foi ou no que poderá ser?

Dean eludiu a pergunta fazendo Monica rodopiar. Tinha a certeza de que Katie também não falava do tempo que passara com ele.

Monica voltou para os braços dele com um sorriso.

— Eu vou passar a semana toda com ela. Se não fores tu a falar, ela falará.

As confidências que as mulheres partilhavam umas com as outras eram lá entre elas. Ser o portador de um cromossoma Y dava-lhe o direito de manter os seus sentimentos para si.

Dean sempre se mantivera de lábios selados no ensino secundário. Fora uma pena que não se tivesse mantido assim durante o ano que passara. Agora vivia com o seu próprio erro e voltara à lição de vida anterior. *Boca fechada, ouvidos abertos.*

— Oh, está bem — resmungou Monica, desistindo de fazer mais perguntas. — Dá-me qualquer coisa sobre o Tom.

Dean não estava à espera daquela reviravolta.

— Então, gostas do Tom?

Monica lançou um daqueles olhares roubados por cima do ombro, sem se aperceber de que Dean a observava.

— Eu não disse isso. Só estou a fazer conversa.

Dean permitiu que um sorriso de divertimento lhe surgisse nos lábios.

— Oh, querida, és uma péssima mentirosa.

A dança terminou e depressa Jack arrebanhou Dean, Tom e Mike. Entregou a cada um deles um *shot* de uísque e deu um passo atrás com um sorriso idiota na cara.

— Estamos a brindar a quê? — perguntou Mike, antes de Dean ter hipótese de fazer exatamente a mesma pergunta.

Jack ergueu o copo.

— Aos bons amigos. Vocês tornaram este dia ainda melhor ao estarem presentes aqui hoje.

— Oh, Deus, está a ficar sentimental — brincou Mike.

— Tu agora ris-te, Mikey. Espera só e verás como o futuro parece risonho quando uma mulher linda estiver ao teu lado para o partilhar.

Dean inclinou-se para Tom.

— Será que vai começar a chorar?

— É capaz, se continuar a beber muitos destes.

— Ele não pode ficar bêbado se quiser gozar a noite de núpcias.

Algo dizia a Dean que Jack estava mais do que feliz por cumprir as suas obrigações matrimoniais.

— Acabem lá com isso — disse-lhes Jack. — Aos amigos.

— Aos amigos! — Todos ergueram os copos e beberam o líquido âmbar de um único trago. Dean deixou-o deslizar pela garganta, sentindo o calor reconfortante. À parte o champanhe para o brinde, não bebera nada alcoólico a noite toda. Levava o seu papel de padrinho a sério. Talvez depois de os noivos partirem para a sua lua de mel de um mês, ele pudesse beber mais uns quantos.

— Por falar em amigos — continuou Jack —, tenho de vos pedir um favor.

Dean apercebeu-se da mudança de descontração para preocupação na expressão dele.

— O que foi? — perguntou Mike.

— É a Katie.

O álcool no estômago de Dean bateu no fundo e começou a arder.

— O que se passa com ela?

— Há algo que não está bem. Ela não tem sido ela mesma.

Todos os quatro se viraram à procura da mulher em questão. O radar de Dean encontrou-a rapidamente. Estava de pé junto do pai e de Danny com um sorriso malicioso no rosto.

— A mim parece-me bem — disse Tom.

— Não está. O sorriso dela não é tão franco, a sua habitual excentricidade não é a mesma. Estou preocupado com ela.

— Talvez esteja finalmente a crescer, Jack — disse Tom. O que se traduziu na mente de Dean como *crescer e deixar a sua maneira de ser irresponsável*.

Tom aproximou-se do bar e aceitou mais um *shot* oferecido pelo barista.

— Já não a vejo nas manchetes há algum tempo. Talvez se sinta farta de estar sob as luzes da ribalta. Torna-se aborrecido depois de algum tempo.

Dean manteve a boca fechada. Também ele notara a mudança na personalidade de Katie.

— Ela perguntou-me se poderia ser a *designer* de interiores dos novos hotéis.

Jack começara uma nova cadeia de hotéis dirigida a famílias para ampliar o império Morrison. O seu primeiro bebé estava quase terminado com a primeira fase de construção. Dean conhecia muito bem

o projeto. A construtora Prescott dirigia os trabalhos em Ontario, na Califórnia.

— A Katie quer trabalhar? — perguntou Tom.

Os quatro viraram-se novamente na direção de Katie. Só de pensar no seu rabo sensual em saltos altos a desfilarem entre os trabalhadores da obra fez Dean encolher-se. Trabalhar tornar-se-ia rapidamente algo mais difícil do que um raio atingir o Empire State Building.

— Quer um emprego — corrigiu Jack. — Afinal, moda e *design* são a área dela. Não pude dizer que não.

Raios.

— Isso significa que ela vai ficar em Ontario durante uns tempos.

Dean mudara a sua vida para a Califórnia do Sul depois de ele e Katie terem seguido caminhos diferentes.

— Estava à espera de que tu e o Mikey pudessem olhar pela Katie enquanto ela estiver por lá.

— Não percebo muito bem o queeres que façamos, Jack. Nunca faltam amigos à Katie, e ela vai perceber se estivermos sempre a bater à porta dela a perguntar-lhe se quer companhia — disse Mikey.

— Fiquem de olho nela, combinado?

— Combinado — respondeu-lhe Mike.

Dean assentiu afirmativamente.

— Parece que me safei desta. — Tom serviu-se do terceiro *shot* de uísque. Tom vivia em Houston.

Dean olhou para cima quando Jessie se aproximou deles. Jack deu um passo em frente e tomou a esposa nos braços.

— Querem que cortemos o bolo agora.

Jack franziu as sobrancelhas.

— Esperei toda a noite para salpicar esse nariz com bolo — provocou-a ele.

Jessie semicerrou os olhos para o marido.

— Cuidado, *comboy*. Tens de viver comigo o resto da tua vida.

O casal riu à medida que se afastava.

Katie tirou os sapatos e deixou-se cair no sofá.

— Vocês texanos sabem realmente como dar uma festa.

Monica afundou-se no sofá de pele ao lado de Katie.

— Uma festa em grande, ruidosa e interminável. Mas macacos me mordam se não foi fantástica.

— Acho que a Jessie nunca esteve tão feliz.

— Nem o Jack.

— Parece-me que eles serão um daqueles casais raros, apaixonados para sempre.

Katie concordou. Tanto ela como Monica sabiam como era vir de uma família despedaçada. A mãe de Katie separara-se do marido e dos filhos e nunca mais olhara para trás. Nem sequer se dera ao trabalho de aparecer no casamento do próprio filho. O mesmo se podia dizer do pai de Monica e Jessie. Nem sequer sabiam como contactá-lo.

— Aposto que a Jessie vai ficar grávida ainda este ano.

— Pelo menos se o Danny levar a dele avante. Ele e o meu pai já andavam a insinuar que o Danny precisa de uma irmã ou de um irmão.

Monica pôs os pés debaixo do rabo.

— Nem esperou para fazer a digestão do bolo dos noivos para falar de bebés.

— O meu pai foi sempre bastante duro. Acho que se quer compensar pelo tempo perdido agora que é mais velho. Ele adora o Danny e mal consegue esperar para ter mais netos. — *Netos que ele espera ter de Jessie e de Jack.* O pensamento despertou-a para a realidade e fê-la sentir novamente um grande nó na garganta. Toda a noite fora uma montanha-russa de sentimentos.

— Estou de rastos — disse ela, saindo do sofá.

— Eu também.

À medida que ambas caminhavam pelo corredor da *penthouse* do hotel enorme onde Katie vivia, a campainha da porta da entrada tocou. Ambas deram um salto com o som. Era uma meia da manhã.

— Mas que...?

Monica seguiu-a até à porta. O complexo tinha toda a segurança que o dinheiro podia comprar, por isso não lhe passou pela cabeça temer pela sua segurança assim que abriu a porta.

O patamar entre a porta e o elevador estava vazio.

Um ligeiro ruído chamou a atenção de Katie para os pés.

Atrás dela, Monica arquejou.

Embrulhado num conjunto de mantas castanhas e cor-de-rosa e aninhado numa cadeira-auto estava o bebé mais delicado e minúsculo que Katie alguma vez vira.

Ela ajoelhou-se e desviou a manta da cara do bebé. Uma respiração lenta e regular saía por entre uns lábios cor-de-rosa. Ao lado da criança estava um envelope. Katie tirou o papel de junto do bebé adormecido, com cuidado para não o acordar.

Katelyn Morrison era o que dizia numa letra fluida.

— Oh, meu Deus — deu Monica voz aos pensamentos de Katie.